

Cristiano Sant'Anna e o guia para viver na rua: o ato fotográfico na rua, entre prática e criação colaborativas

*Cristiano Sant'Anna and the guide to living on
the street: the photographic act on the street,
between collaborative practice and creation*

DANIELA MENDES CIDADE*

Artigo submetido a 3 de janeiro de 2020 e aprovado a 21 de janeiro de 2020

*Brasil, artista visual.

AFILIAÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Departamento de Arquitetura. R. Sarmento Leite, 320 - Centro Histórico, Porto Alegre - RS, 90050-170, Brasil. E-mail: danielamcidade@gmail.com

Resumo: O texto analisa um trabalho de Cristiano Sant'Anna: "De um guia prático para viver na zona a um manual condutor de carrinho de papelero: saberes, experiências e colaborações em arte", onde o artista vive uma experiência colaborativa nas ruas. Em conjunto a dois trabalhadores que coletam materiais para reciclagem, o fotógrafo propõe uma troca de papéis, para discutir sobre os limites entre arte e não arte. O conceito de gesto performativo, arte como atitude e objeto artístico e transbordamentos entre arte e vida, e território, serão aqui discutidos.

Palavras chave: fotografia / gesto performativo, / criação colaborativa.

Abstract: *The text analyzes a work by Cristiano Sant'Anna: "A practical guide to living in the area and a paper cart manual: sabers, experiences and collaborations in art", where the artist lives a collaborative experience in the streets. Together the two workers who collect materials for recycling, the photographer may request a role exchange to discuss the boundaries between art and non-art. The concept of performative gesture, art as attitude and artistic object, and overflows between art and life, and territory, will be discussed here.*

Keywords: *photography / performative gesture / collaborative creation.*

Introdução

Sant'Anna é um artista brasileiro que vive e trabalha em Porto Alegre, RS. O trabalho em pauta é o resultado de um Mestrado em Artes Visuais realizado em 2019, sob a orientação de Claudia Zanatta, e que resultou em uma exposição no atelier coletivo *Planta Baja*, em Porto Alegre naquele mesmo ano. Na sua pesquisa o artista propõe a reflexão teórica e sua execução plástica a partir de seu conceito operatório que aborda as práticas colaborativas em arte, e a distinção destas práticas com as de criação colaborativa. O objetivo é o de realizar uma análise sobre o conceito de autoria, as transformações de territórios da cidade, de suas sombras, e da fotografia como enunciado e gesto performativo.

Estas atitudes levariam o artista a desconstruir nossos antigos pressupostos sobre a arte, e passar, conforme nos aponta David Green e Joana Lowry (2007), a afirmar, declarar, decidir, anunciar, identificar e informar sobre se isto ou aquilo é uma obra de arte, conforme as estratégias de outros artistas conceituais do final dos anos sessenta do século passado.

A fotografia e o gesto performático estariam caracterizados nesta troca de papéis entre artista e certas pessoas escolhidas, como um *patchwork* que forma o cenário de um imaginário urbano construído a partir de percursos e encontros, e que acabam se transformando, através das escolhas do artista, em atitudes nestes novos territórios poéticos

1. Fragmentos modernistas na viagem aos meandros da cidade

A viagem produtiva de Sant'Anna começa em uma parte degradada da cidade de Porto Alegre, a região da Avenida Farrapos, que já foi um símbolo de planejamento urbano moderno. Aberta há 80 anos como uma grande via ligando o aeroporto, a região metropolitana e centro da cidade. Do tempo glorioso de uma utopia modernista, restam hoje prédios degradados e em abandono. Apesar disso, o olhar do artista localizou no lugar uma fecundidade de sinergia com seus habitantes. Ali, a distopia transforma-se assim em novas condições de vida.

No trabalho de Sant'Anna a convivência entre recicladores e artista ultrapassa os limites da arte e não-arte e suas relações com o campo social, através dos resquícios da tipologia modernista, a cidade contemporânea. Em um cenário caótico, a diversidade e a riqueza visual, que representam a transfiguração urbana, fazem-nos lembrar de que a cidade não está morta. Pelo contrário, ela se nutre e se revitaliza com estes vários pedaços, estas sobras e estes dejetos recicláveis que são jogados nas ruas, e que acabam constituindo novos territórios em movimento como a Vila dos Papeleiros, permitindo novas aproximações e novas leituras.

O projeto modernista, animado por um racionalismo estrutural, privilegiava

a estética funcionalista, com uma normatização de acordo com o funcionamento de uma máquina. Era um princípio progressista de transformação do mundo. Os novos tempos, a desigualdade social e os fluxos provocaram uma mudança, onde as atitudes anunciam as criações pós-modernas, aquelas que fazem a celebração de uma heterogeneidade e da diversidade, como a que se refere Fabio La Roca (2019). O artista nos mostra que há uma pluralidade de narrativas no espaço desta aparente desordem, característica da cidade em mutação.

Cristiano Sant'Anna integra o coletivo *Beira*, formado por artistas de diferentes linguagens e que desde 2015 realiza intervenções públicas e instalações, trabalhos que defendem causas coletivas, como o meio ambiente a igualdade. Temáticas ambientais, políticas e sociais são recorrentes na atuação do coletivo. Suas atuações formais podem estar mais associadas às ações performáticas em espaços públicos do que a objetos artísticos. Em um projeto chamado *Biblioteca Aberta, um atelier de livro fotográfico*, e a *Oficina de documentação do Quarto distrito* (2015) (região onde se localiza a av. Farrapos), quando conheceu Antônio Carboneiro, o interesse de Sant'Anna voltou-se para a fisionomia do lugar.

Desde 2018 durante a execução de *Guia Prático*, ele passou a percorrer diariamente a avenida, com um caderno de notas, onde registrava os percursos por ele, anteriormente pré-estabelecidos, e começou a reunir os saberes da comunidade (Fig.1), soluções únicas do lugar que Cristiano chamou de gambiarras. Para Taís Portela (2007), as gambiarras se opõem aos padrões estabelecidos e percebidas na diversidade das práticas cotidianas materializam uma organização própria do tecido social permeadas por potências inventivas e criativas.

Estas experiências e atravessamentos contínuos com pessoas do lugar acabaram por provocar um rompimento com a imagem do artista solitário, que cria sozinho no atelier. Imigrantes haitianos, prostitutas, trabalhadores de rua, passaram a integrar o trabalho, como personagens do trabalho, como aconteceu com Jackson Carboneiro e Antônio Caborneiro, dois trabalhadores de reciclagem, que recolhiam material das ruas próximas e habitavam a chamada Vila dos Papeleiros, perto dali.

2. Caminhada, pausa, escuta e justaposições

Nesta série *Guia prático para viver na zona*, Sant'Anna propõe um olhar sobre uma situação cada vez mais recorrente no contexto urbano contemporâneo de um país como o Brasil: a atividade dos *papeleiros*, ou seja, puxadores de carrinhos que percorrem a rua. E que vivem de escambos e da venda do material a recicladores. Em uma pesquisa que baseou-se em uma amostra destes trabalhadores, o artista intensificou sua ação com Antônio e Jackson, o primeiro pela liderança

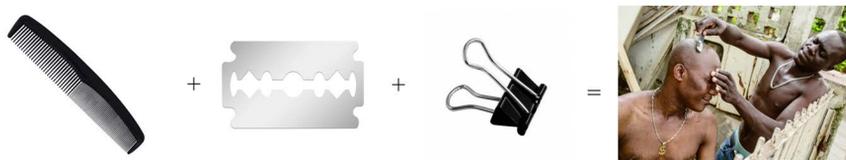


Figura 1 · Cristiano Sant’Anna, *Matemática do Guia Prático para Viver na Zona*, 2018. Arte gráfica, fotografia e objetos. Foto do autor.

que exerce como líder comunitário da Vila, e seu filho, Jacson. Sant’Anna passou a acompanhar seu dia-a-dia com imagens, e propôs uma criação colaborativa, invertendo papéis e entregando a câmera para um deles, com a troca de funções entre artista e *papeleiro*.

A metodologia do artista-pesquisador seguiu duas fases distintas: a primeira, que se constituía em “caminhar, derivar fotografar, conversar, entrar em contato com pessoas, perder tempo, entrar nas casas, espaço também para a troca de papéis entre pesquisador e parceiros da pesquisa” (Sant’Anna, 2019: 99). Na segunda fase, o artista ia organizando painéis com as imagens obtidas, no ateliê (Fig. 2 e 3). Ali se organizaram as memórias afetivas, em relação de justaposição. A cada montagem surge uma narrativa num processo constante de desconstrução e reconstrução das experiências provocando novas visões sobrepostas às mesmas visões.

Estas imagens que formam o Guia Prático construídas e reconstruídas no ateliê acabaram integrando uma exposição coletiva, denominada *Entre beiras*, que aconteceu em agosto de 2018 na Pinacoteca do Instituto de Artes da UFRGS, com a curadoria de Sandra Rey. Conforme relato do artista, foi a possibilidade de ir para um espaço institucional que o aprendizado e os encontros com as pessoas da Zona passaram a se configurar como um modo de fazer arte.

3. A experiência de estar junto

3.1 A troca de papéis

Em 2019, o artista decidiu então a realizar um trabalho de escambo como proposição e método baseado na troca de papéis. Essa decisão foi conjunta com Jacson, o filho e seguidor de Antônio, que manifestara interesse em aprender fotografia.

De modo geral, as relações estabelecidas com os parceiros tem em comum a troca de interesses. Eles tem algo que me interessa (todos estes saberes da experiência) e eles veem algo em mim que pode ser vantajoso (visibilidade, conhecimentos de fotografia). Estas trocas de conteúdos se parecem a um escambo (Sant’Anna, 2019: 121).

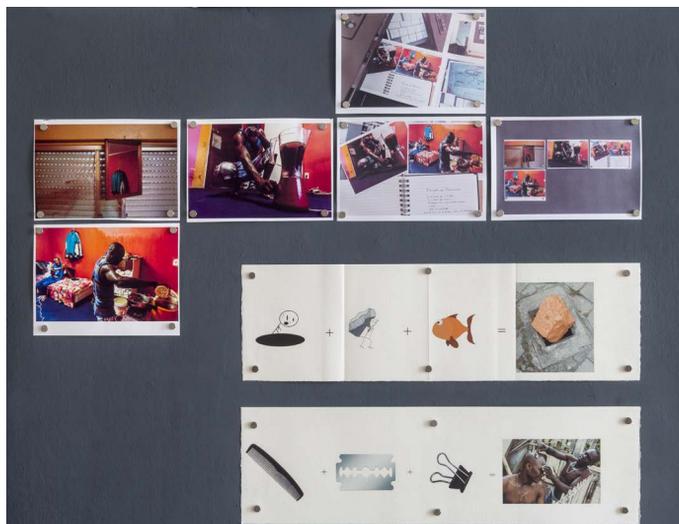


Figura 2 · Cristiano Sant'Anna, *Ateliê é Lugar e Zona*, 2018. Laboratório da Pesquisa. Foto do autor.

Figura 3 · Cristiano Sant'Anna, *Ateliê é Lugar e Zona*, 2018/19. Laboratório da Pesquisa. Foto do autor.

Agora o artista faz suas caminhadas ao lado de Jacson. Cristino puxando o carrinho de papelero e Jacson fotografando. Durante suas derivas a troca se estabelece a partir dos questionamentos de ambos sobre suas práticas, sejam a de fotografar ou de puxar o carrinho, os ainda sobre o cotidiano da Zona. O andar junto propicia o fazer com o outro e com isso aprender outra forma de narrar através da fotografia como gesto performativo.

3.2 Escambo como criação colaborativa

Em dezembro de 2018, sentindo um certo esgotamento do trabalho, o artista conta que, a partir de conversas com o líder comunitário de 76 anos, passou a sentir a necessidade de contribuir, de devolver algo adquirido nesta experiência. Antonio Carboneiro já estava impossibilitado de trabalhar nas ruas, devido a amputação de um dos membros inferiores. Com ele Cristiano passava o tempo conversando sobre a história da Vila dos Papeiros entre imagens fotográficas de diferentes períodos da formação daquele território e seus personagens:

Se para mim o interessante é esse papelero que produz narrativas que confundem e fundem a história fotográfica da vila sobre cadernos da sua história pessoal salvos do lixo, para ele, o importante é a possibilidade de acesso a alguém que vem de fora e pode gerar espaço de visibilidade e de escuta. (Sant'Anna, 2019:111).

Seu Antonio, Jacson e Cristiano juntos propuseram uma intervenção para participar da mostra da Virada Sustentável (Fig. 04). Essa obra foi concebida e realizada em várias etapas: oficina de construção de carrinhos para serem trocados durante a exposição do trabalho na Orla do Guaíba; montagem da intervenção na Orla; remontagem do trabalho e palestra do Seu Antonio no Centro Cultural da UFRGS

Conclusão

Sant'Anna cita Duchamp e Krapow. Do primeiro, para falar da transformação de objetos banais em obra de arte, e do Segundo, das atitudes, dos gestos, das performances que se transformam em arte.

Duchamp, em *Le Processus Créatif* (1987) se refere a algo que ele nomeia de “coeficiente da arte”, que seria uma potência que a obra contém e da qual escapam as intenções do artista. A diferença entre intenção e realização seria este coeficiente. As diferenças entre trajeto e projeto, ou seja, tudo o que o artista criou nesta experiência de trocas e escambos, seria o resultado final deste trabalho. O que fica do trabalho não estaria nem nas fotografias, nem nos registros das performances, nem nas trocas e escambos, mas nas atitudes.



Figura 4 · Cristiano Sant'Anna, *Criação colaborativa*, 2019. Fotografias e objetos. Documento de trabalho. Foto do autor.

Sant'Anna também cita Nam Goldwin, para falar da presença e do envolvimento do artista no ambiente, trazendo uma nova indicialidade à fotografia, e reforçando sua aura com esta presença. Efetivamente, na presença corporal do fotógrafo em um campo sensorial, como aquilo que David Green e Joana Lowry denominaram de “detalhe egocêntrico” (Green, 2007:62) cuja forma mais reiterada seria a palavra “eu”, como é constantemente utilizada por Sant'Anna, nesta pesquisa que também é um depoimento-diário, estaria localizada a atitude, que se transforma em gesto de arte.

Este artigo evoca pesquisas anteriores do artista para encontrar continuidades e procedimentos diante de uma certa paisagem urbana e convida a pensar sobre os espaços vazios e as ausências que se abrem nas ruas da cidade, e a transversalidade entre arte e vida, em uma linha oblíqua de transbordamentos, apagando os limites do que é arte e do lugar de exposição. Na procura pelos lugares inconscientes, onde a imagem fala sobre as relações entre a arte e o habitar na cidade, a rua surge como espaço de criação. Os hábitos de moradores de uma determinada região da cidade encontrados na análise do trabalho *Guia prático para viver na zona*, transformam-se em espécie de criação compartilhada, com uma metáfora da criação colaborativa. São trabalhos que produzem uma simbiose entre cotidiano e arte, provocando um “curto circuito”, buscando libertar a arte do conceito de “objeto artístico” nas práticas contemporâneas.

Referências

- Duchamp, Marcel (1987) *Le processus créatif*. Paris: L'éhoppe. ISBN: 978-2905657251
- La Roca, Fabio (2018) *A cidade em todas as suas formas*. Porto Alegre: Sulina. ISBN: 978-85-205-0816-9
- Green, David e Lowry, Joana (2007) *Que ha sido de la fotografia?* Barcelona: Gustavo Gilli. ISBN: 978-84-252-2132-3.
- Portela, Tais (2007) *O caminho da ação entre o padrão e a gambiarra*. Cadernos PPG-AU/FAUFBA. ISSN 1679-6861. Ano 5, Número Especial: 79-92.
- Sant'Anna, Cristiano (2019) *De um guia prático para viver na zona a um manual do condutor de carrinho de papelero: saberes, experiências e colaboração em arte*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS.